> “EuEuzinhoEudnv”: percepções acerca da edição de si em um fluxo híbrido de existência

> “EuEuzinhoEudnv”: perceptions about the self edition in a hybrid flux of existence

por Pedro David
Mestrando em Artes Visuais, na linha de Poéticas Visuais e Processos de Criação, pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes (PPGAV/IA), na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: p204513@dac.unicamp.br. Orcid: 0009-0006-5330-4915.

Resumo
Neste artigo, a obra “EuEuzinhoEudnv” é ponto de partida para a reflexão acerca da construção da identidade dentro e a partir do contexto contemporâneo da experiência híbrida *entre dimensões*, que ocorre através do acesso síncrono à realidade material e digital. Para isso, somam-se à metodologia de Leonor Arfuch, os estudos de Pedro Alves da Veiga sobre média-arte digital, as considerações de Claudia Giannetti sobre a Endoestética e os argumentos de Fernando Hernández acerca da cultura visual. Investiga-se, assim, a transposição dos aspectos da construção de si, de dentro do território digital - onde o artista explora a edição auto-fabulada da imagem-palavra de si - para o material.
Palavras-chave: *Selfie*. Arte digital. Arte contemporânea. Processos autobiográficos. Imagem-palavra.

Abstract
In this article, the artwork “EuEuzinhoEudnv” is the starting point for reflection on the identity construction within and from the contemporary hybrid experience between-dimensions that occurs through the simultaneous access of material and digital reality. Thereunto, Leonor Arfuch's methodology is complemented by Pedro Alves da Veiga's studies on digital media art, Claudia Giannetti's considerations on Endoesthetics and Fernando Hernández's arguments on visual culture. It, thus, investigates the transposition of aspects of the construction of the self from within the digital territory - where the artist explores the self-fabulated edition of the verb-image of the self - to the material one.
Keywords: Selfie. Contemporary art. Digital art. Art. Autobiographic processes. Verb-image.

> Artigo recebido em 28.07.2024 e aceito em 07.10.2024.

1. Introdução

Para que os objetivos deste artigo sejam alcançados, é necessário, primeiro, esmiuçar a obra de arte eleita como delineadora do território sobre o qual serão tecidas as análises ao longo de todo o corpo textual. A obra "EuEuzinhEudnv" é uma obra-em-processo cujo início deu-se durante o ano de 2019, a partir do uso subversivo das ferramentas de edição de fotografias da seção *Stories* da plataforma *Instagram*. Isso é, os pincéis virtuais, os dispositivos de adição de texto, os métodos de acréscimo de *emojis* e todos os outros instrumentos que surgiram a cada atualização do *site* funcionam dentro de "EuEuzinhoEudnv" como agentes de distorção e de ampliação da plasticidade do corpo fotografado, adicionando, assim, uma nova camada às *selfies*[1] de Pedro David (Figura 1).

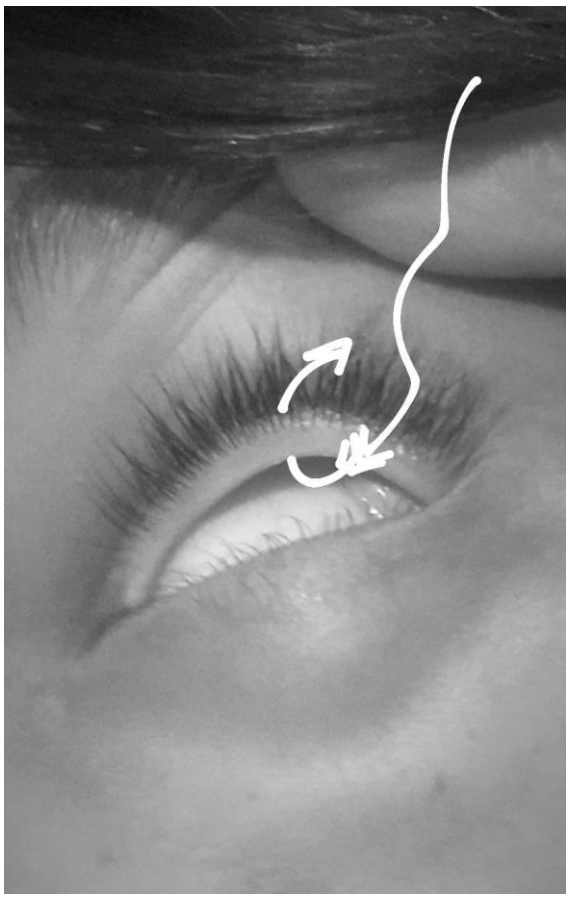


Figura 1
Peça do conjunto "EuEuzinhoEudnv" feita no ano de 2019.

[1] Referência sobre esse tipo de fotografia. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/wp/noticias/a-selfie-como-o-autorretrato-e-seus-significados/. Acesso em: 4 jul. 2024.

Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte
vol. 6, nº 1, 2024
ISSN 2596-0911

Em 2021, o conjunto já havia sido escolhido pelo artista como tema de seu Projeto Experimental, tarefa compulsória para a conclusão de sua graduação em Artes Visuais e, devido a isso, o âmbito teórico do trabalho começou a se desenvolver de forma mais robusta. Sendo assim, postulações feitas por Aaron Hess[2] e Trisha Goodnow[3] sobre as características da *selfie* tornaram-se um alicerce sobre o qual o artista pensou a quantidade de fotografias autorreferentes executadas por um mesmo usuário.

Para Hess[4], os indivíduos tendem a possuir um grande volume de *selfies* devido à combinação entre sua função demarcadora – contextualizar aquele indivíduo dentro daquele espaço-tempo singular – e do aspecto constelado desse tipo de fotografia, a qual orbita sempre entre os dispositivos móveis, os indivíduos, as redes de compartilhamento e a realidade material. Consequentemente, a vontade de produzir uma nova imagem ressurge a cada vez que algum desses elementos modificam-se, visto que haverá uma nova necessidade de demarcação por parte do usuário.

Por sua vez, Goodnow[5], através de uma quantidade de *selfies* analisadas (mínimo de 20 para cada um de seus 40 alunos), nota que essas fotografias são (re)feitas a fim de comunicar qualidades humanas. Em seu estudo, Goodnow percebeu três grandes atributos que motivam a produção das *selfies*: aventura, popularidade e atratividade[6].

A circulação de *selfies*, que não podem ser tomadas como frívolas[7], serve de plataforma para a (co)existência de diversos "eus", oriundos do mundo material e digital ao mesmo tempo. Isso se traduziu dentro de "EuEuzinhoEudnv" em uma proposta de percepção dos efeitos da seriação sobre o conjunto, quando se buscou executar ao menos um autorretrato diário durante todo ano de 2021, o que gerou um avanço de cerca de 250 peças na série (Figura 2).

[2] Aaron Hess, "Selfies| the selfie assemblage", 2015.
[3] Trischa Goodnow. "The selfie moment: The rhetorical implications of digital self portraiture for culture", 2016.
[4] Aaron Hess, *Op. Cit.*, 2015.
[5] Trischa Goodnow, *Op. Cit.*, 2016.
[6] *Ibidem*, p. 126.
[7] *Ibidem*, p. 124.

Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte
vol. 6, nº 1, 2024
ISSN 2596-0911

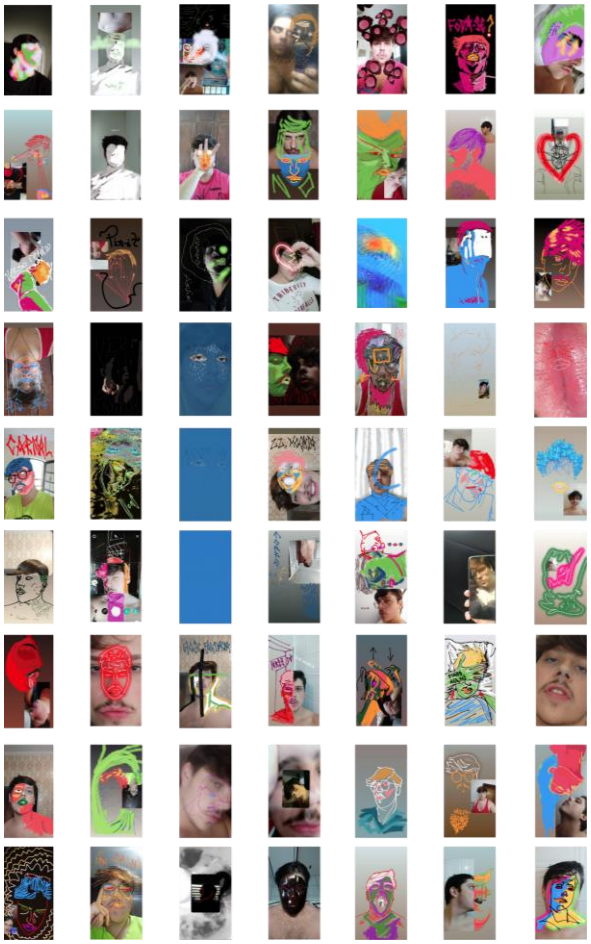


Figura 2
Agrupamento de peças de “EuEuzinhoEudnv” feitas no ano de 2021.

Após esse período, a professora doutora Rachel Zuanon, orientadora do Projeto Experimental, observando que cada um dos autorretratos de “EuEuzinhoEudnv” possuía uma atmosfera singular, estimulou o registro verbal da auto-fabulação específica que circundava cada peça. Com o aceite dessa sugestão, iniciou-se, em paralelo à execução dos autorretratos, a elaboração de microtextos narrativo-poéticos no aplicativo de notas do dispositivo móvel do artista, os quais eram, em seguida, sobrepostos e publicados em união às outras camadas de cada unidade da série (Figura 3). Com isso, a relação entre imagem e palavra tomou uma forma mais saliente e explícita no trabalho, sem se tornar mais óbvia. Isso porque, apesar de serem tecidos a partir dos autorretratos, os microtextos não visavam a oferta de uma elucidação didática ao fruidor.

Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte
vol. 6, nº 1, 2024
ISSN 2596-0911

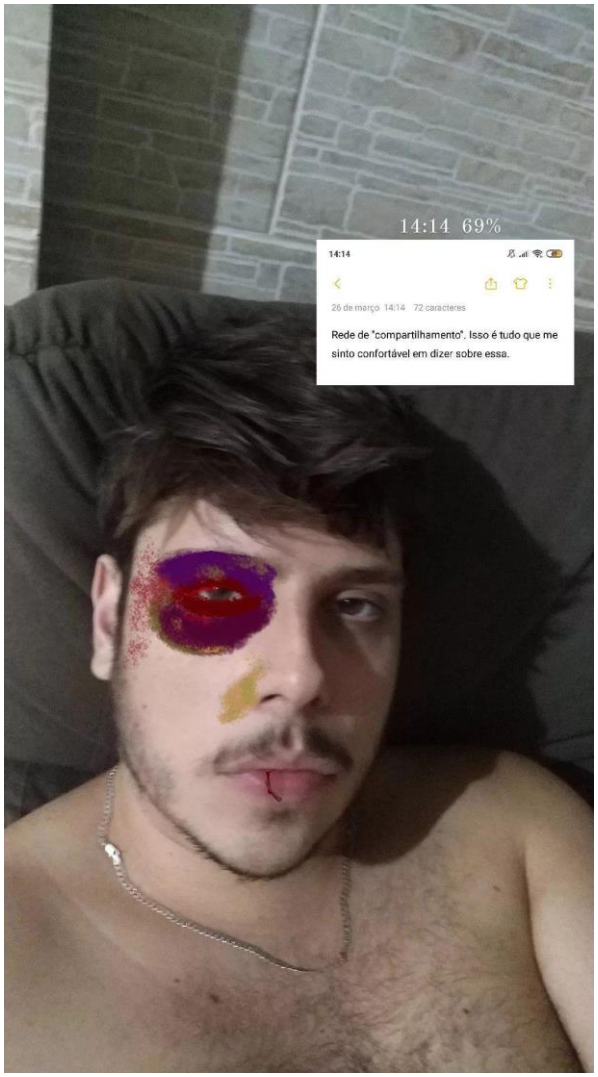


Figura 3
Peça de "EuEuzinhoEudnv" feita no ano de 2022.

Passada essa etapa, a partir de agosto de 2023, o trabalho passou a ser objeto da pesquisa de mestrado do artista e, portanto, começou a se ramificar sobre outros horizontes teóricos e práticos. Em consequência, somou-se à metodologia da Crítica Genética a partir de Cecília Salles[8] – insumo teórico de "EuEuzinhoEudnv" quando Projeto Experimental do artista – a perspectiva de Leonor Arfuch sobre obras autobiográficas. No âmbito prático, em consonância com a dinamicidade e a incessante transformação dos universos cibernéticos, trabalhados em e a partir de "EuEuzinhoEudnv", despontaram-se as questões da

[8] Cecília Salles, *Redes da criação-a construção da obra de arte*, 2016.

Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte
vol. 6, nº 1, 2024
ISSN 2596-0911

sobreposição de dimensões e da natureza código-informacional dos elementos digitais.

Pensando na profusão de imagens presente nas redes de compartilhamento – como abordado por Hess – e na existência conjugada entre os planos material e virtual desses usuários, Pedro David decidiu inspirar-se nas heranças dadaístas e surrealistas das assemblagens e das colagens associativas[9], que estabelecem sintonia com os aspectos cibernéticos anteriormente levantados, por unirem a "estética da acumulação"[10] a um deslocamento propiciador de uma nova contextualização[11].

A partir da percepção desses entrelaçamentos e desse rumo prático-poético, tornou-se imperativa a necessidade de decidir quais imagens seriam postas em relação às peças de "EuEuzinhoEudnv". Para isso, atentou-se para a ampla popularização do uso de plataformas de geração de imagens por Inteligência Artificial (IA), cujos resultados circulam cada vez mais nas redes de compartilhamento[12]. O uso comum de *chats* e de *sites* com esse propósito, como *Midjourney* e *Leonardo*, alarga discussões cânones da arte e da história da arte que dizem respeito à autoria, à técnica e à materialidade, agregando novos e complexos agentes a essas questões. Ademais, grande parte desses geradores trabalha no fluxo palavra-imagem, ou seja, o usuário deve alimentar a Inteligência Artificial com um *prompt*, que nada mais é do que um texto descritivo que definirá o resultado da operação. As imagens obtidas são uma espécie de colagem de tudo o que a IA apre(e)ndeu de/sobre elementos disponíveis na *internet*, os quais, apesar de não-verbais, são entendidos e acessados pela máquina como verbais, visto que, no universo digital, são compostos por corpos código-informacionais.

Sendo assim, tornou-se evidente que, por interferir em tópicos tão relevantes nas artes, por exercer tamanha influência dentro dos territórios de interesse de "EuEuzinhoEudnv" e por possuir, assim como a obra, a relação imagem-palavra como ponto nevrálgico, esta poderia ser a fonte dos

[9] Imagens de referência disponíveis em: https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra9595/o-rei-do-mau-gosto. Acesso em: 4 jul. 2024. https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra14220/jardim-das-vacas. Acesso em: 4 jul. 2024. https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra14343/camisetas. Acesso em: 4 jul. 2024. https://images-prod.anothermag.com/389/azure/another-prod/290/0/290376.jpg. Acesso em: 4 jul. 2024.
[10] Disponível em: https://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo325/assemblage. Acesso em: 4 jul. 2024.
[11] Aline Karen Fonseca, "Collage: a colagem surrealista", 2009.
[12] Disponível em: https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2024/02/06/meta-vai-identificar-imagens-criadas-por-ia-no-facebook-instagram-e-threads.ghtml. Acesso em: 4 de jul. 2024.

componentes a serem colocados em contato com as outras peças da série. Consequentemente, mostrou-se potente a utilização dos microtextos narrativo-poéticos dos autorretratos de "EuEuzinhoEudnv" como *prompts* para a plataforma *Copilot*, um gerador de imagens por Inteligência Artificial gratuito do *Bing*. Tal uso põe em teste e em observação o comportamento da máquina frente a direcionamentos conotativos. A partir disso, decidiu-se que um dos resultados emergentes desse experimento seria exibido em união ao autorretrato fonte daquele comando. Com isso, veria-se uma materialização da existência conjugada do indivíduo contemporâneo no sensível.

Em um primeiro momento, as imagens apresentavam-se ao observador justapostas e, em seguida, junto ao *prompt* que as originou, como uma forma de retomada dos processos executados em 2022, após orientação de Zuanon (Figura 4).

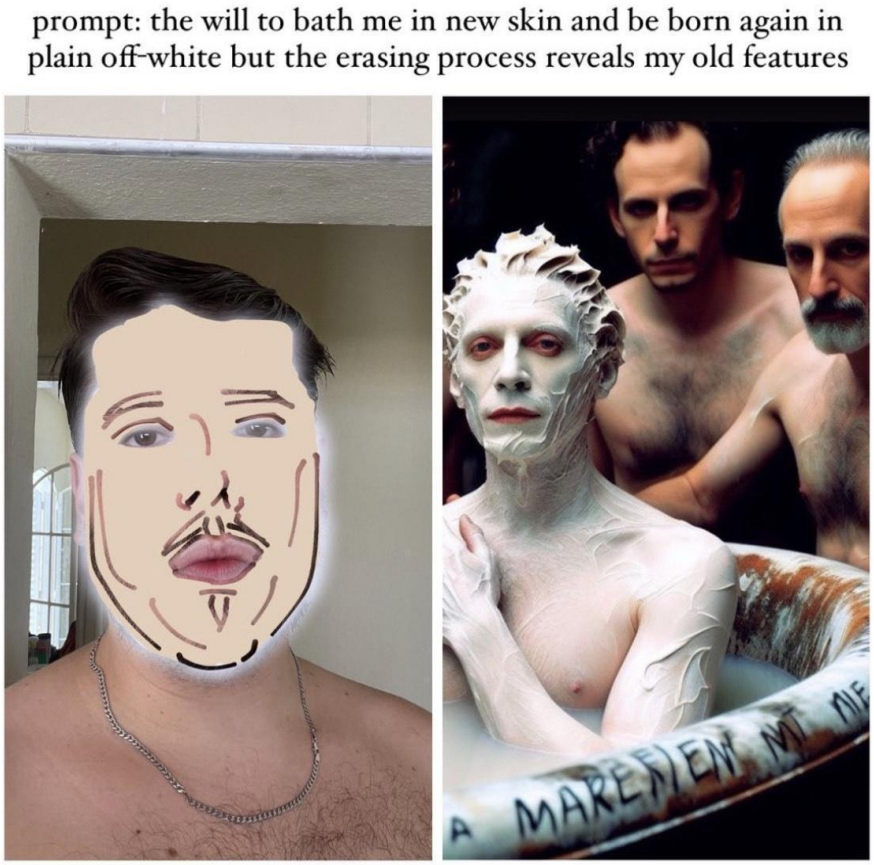


Figura 4
Peça de "EuEuzinhoEudnv" feita no ano de 2024.

Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte
vol. 6, nº 1, 2024
ISSN 2596-0911

Em seguida, devido a uma certa incompatibilidade visual entre a justaposição e a diagramação verticalizada da seção *Stories*, onde as peças eram publicadas, emergiu-se como possibilidade a sobreposição através da disrupção da dualidade negativo/positivo, advinda da fotografia analógica. Essa tradição se estendeu para a era da fotografia digital como um efeito visual desligado de sua utilidade anterior, empregado, agora, com viés estilístico na edição das imagens. Porém, para além da potência de seu aspecto, a decisão de sua utilização em prol da viabilidade da colagem por sobreposição partiu de sua nomenclatura: a dicotomia negativo/positivo é abordada em "EuEuzinhoEudnv" como um jogo de palavras que porta consigo a discussão de valoração das imagens, emergindo o questionamento de quais seriam os critérios, os locais e os pontos de vista ativados na classificação qualitativa do que se vê.

Assim, o artista passou a sobrepor, dentro do aplicativo *PicsArt*, o negativo do resultado produzido pela *Copilot* sobre o autorretrato executado "tradicionalmente" (positivo). Por fim, coladas inteiras e recortadas, apresentam-se ainda, junto à sobreposição, as imagens-fonte da amálgama. O conjunto, ao final, é atravessado pelo microtexto-*prompt* utilizado na *Copilot*, de forma espelhada, a fim de mimetizar de alguma maneira o processo negativo aplicado à fotografia, além de reforçar o caráter código-informacional das peças (Figura 5).

Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte
vol. 6, nº 1, 2024
ISSN 2596-0911

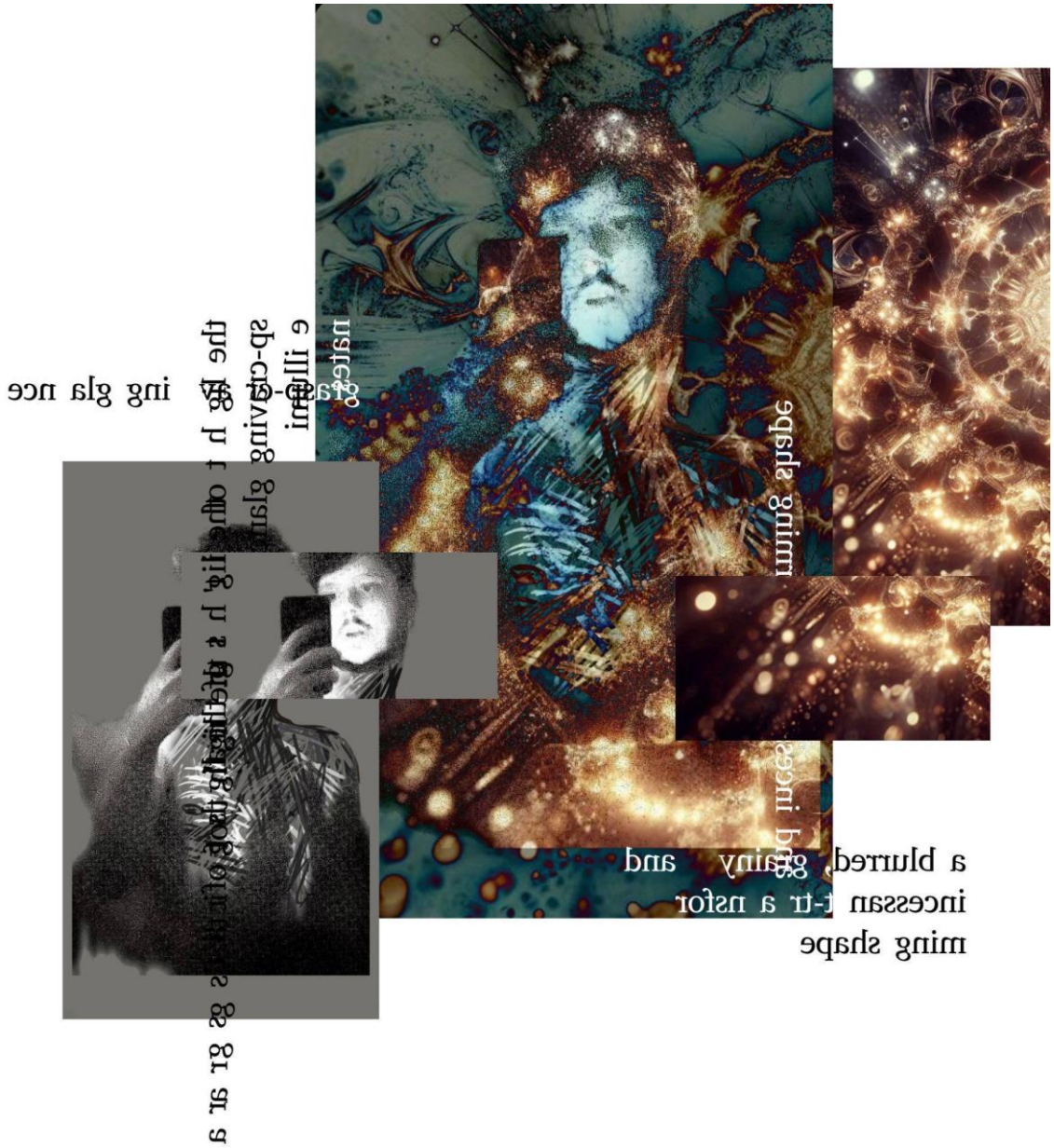


Figura 5
Peça de “EuEuzinhoEudnv” feita no ano de 2024.

“EuEuzinhoEudnv”, assim, constrói, por meio de autorrepresentações e colagens-intervenções digitais, um campo de experimentação e de análise acerca de processos autobiográficos circunscritos a territórios dialógicos. Afinal, as redes de compartilhamento possuem a consideração da existência e da participação do outro como parte fundamental de suas estruturas. Quanto a isso, durante o prefácio de “O espaço biográfico”, Ernesto Laclau executa leves pinceladas sobre o que Arfuch se aprofundará, no tocante à relação entre o sujeito e o outro, através de Bakhtin. Laclau escreve:

Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte
vol. 6, nº 1, 2024
ISSN 2596-0911

> Isso nos conduz a uma terceira dimensão da teorização de Arfuch, que é essencial sublinhar. O descentramento do sujeito assume em sua obra uma formulação especial que se vincula à 'razão dialógica', de raiz bakhtiniana: o sujeito deve ser pensado a partir de sua "outridade", do contexto de diálogo que dá sentido a seu discurso. Há, então, uma heterogeneidade constitutiva que define toda situação de enunciação[13].

O excerto permite a análise de que "EuEuzinhoEudnv" está alinhado a essa concepção desde o princípio, visto que, agindo a partir de e sobre uma seção efêmera da plataforma *Instagram*, sempre considerou o compartilhamento com o outro e a construção da identidade na troca.

Outrossim, com a adição do uso das inteligências artificiais, essa construção do individual através do plural fica mais complexa, visto que aglutina à série um fluxo com o banco de dados e com a provação do maquinário. A poética de "EuEuzinhoEudnv" expande, assim, a construção da identidade na "outridade" em diálogo não só social, mas virtuo-social. Isso é, ao se apropriar da IA, revela e mobiliza os partícipes orgânicos que compõem os territórios digitais. Afinal, essas interfaces são feitas por indivíduos, mimetizam raciocínios humanos e obedecem aos estímulos dos usuários, entregando seus resultados a partir do consumo e da apropriação de produções humanas disponíveis na rede.

Aqui, unem-se também as considerações supracitadas de Hess e postulados engendrados por Goodnow, já que, ao longo dos três escritos, nota-se a participação da outridade na formação e/ou na apresentação da individualidade; da singularidade como denominador comum. Ainda em "O espaço biográfico", a socióloga aponta a:

> (...) crise dos grandes relatos legitimadores, a perda da de certezas e fundamentos (da ciência, da filosofia, da arte e da política), o decisivo descentramento do sujeito e, extensivamente, a valorização dos 'microrrelatos', o deslocamento do ponto de mira onisciente e ordenador em benefício da pluralidade de vozes, da hibridização, da mistura irreverente dos cânones, retóricas, paradigmas e estilos"[14].

Sendo assim, a obra percebe e atende à necessidade da contemporaneidade de uma nova e alargada delimitação do "espaço autobiográfico". Ou seja, prevê, de certa forma, os posteriores debruçamentos de Hess e Goodnow sobre territórios cibernéticos, dentro e a partir dos quais novas experiências autobiográficas, assim como "EuEuzinhoEudnv", surgiram, surgem e surgirão. O esforço de Arfuch deixa clara a necessidade de uma nova postura frente a esses contextos remodelados. Portanto, será construída uma análise que leve em consideração as principais frentes da experiência autorreferente e

[13] Ernesto Laclau *apud.* Leonor Arfuch, *O espaço autobiográfico,* 2010, p. 11.
[14] Leonor Arfuch, *O espaço autobiográfico,* 2010, p. 17.

autobiográfica que é “EuEuzinhoEudnv”, a saber: a interferência auto-fabulada sobre a plasticidade da imagem do corpo na construção da individualidade e a utilização da relação palavra-imagem como aparato teórico-prático; e o entrelaçamento com plataformas digitais e redes de compartilhamento com suas próprias diretrizes. Para isso, serão mobilizados, ao longo deste artigo, os textos *O museu de tudo em qualquer parte; arte e cultura digital: inter-ferir e curar*[15], *Estética digital: sintopia da arte, a ciência e a tecnologia*[16] e *Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho*[17].

2. PlurEu

Antes de enfatizar as pontes entre “EuEuzinhoEudnv” e os autores supracitados, é conveniente que sejam destacados seus plexos com os estudos de Leonor Arfuch, os quais abarcam os processos autobiográficos. No início de seu livro, Arfuch explica ao leitor a necessidade de expor o que configura o espaço biográfico, local sobre o qual se debruçou no restante da sua produção. Nesse cenário, a escritora tece um parágrafo explicando a relação entre as produções, sob tal classificação, e a vida – para além do óbvio uso desta como material daquelas – no caso, o fato de que esse uso subverte, interrompe, perturba e embeleza a continuidade biológico-temporal. Arfuch expõe:

> A simples menção do ‘biográfico’ remete, em primeira instância, a um universo de gêneros discursivos consagrados que tentam apreender a qualidade evanescente da vida opondo, à repetição cansativa dos dias, aos desfalecimentos da memória, o registro minucioso do acontecer, o relato das vicissitudes ou a nota fulgurante da vivência, capaz de iluminar o instante e a totalidade[18].

Dessa forma, escrutinar a obra sob essa ótica abre uma nova oportunidade de interpretação e de existência semântica de tais *selfies* no mundo. Isso porque, conforme aclarado por Arfuch, a referida prática sustenta o poder de agir sobre um fluxo ininterrupto, tão íntimo a todos os indivíduos e, concomitantemente, tão incontrolavelmente distante.

Ao longo do curso de sua poética-processo, por se aprofundar cada vez mais na autorrepresentação, a série estabelece vínculo com todo o excerto anteposto. Durante o ano de 2021, quando houve a experimentação da seriação,

[15] Pedro Alves da Veiga, *O museu de tudo em qualquer parte; arte e cultura digital: inter-ferir e curar*, 2020.
[16] Claudia Giannetti, “Endoestética”, 2006.
[17] Fernando Hernández, *Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho*, 2000.
[18] Leonor Arfuch, *O espaço autobiográfico,* 2010, p. 15.

o conjunto jogou com a questão do "registro minucioso do acontecer"[19]: a diária produção de *selfies*, as quais, posteriormente, eram intervindas, foi a maneira encontrada pelo artista de materializar seus despontamentos dentro desse curso incessante. Logo após, em 2022, com a decisão do acréscimo da nota sobre o autorretrato, esse registro ganha uma camada verbal explícita, apresentando "o relato das vicissitudes"[20] sobre "a repetição cansativa dos dias"[21].

Atualmente, com a inclusão de novos agentes, "EuEuzinhoEudnv" apresenta "a nota fulgurante da vivência, capaz de iluminar o instante e a totalidade"[22], uma vez que, erguendo-se a partir da plasticidade do corpo representado do artista, extrapola sua própria vida, tateando, assim, questões alargadas tal qual a construção da identidade *entre dimensões*.

Ademais, ao longo do desenvolvimento de "O espaço biográfico", Arfuch analisa a relação entre a esfera pública e a privada, direcionando atenção a como essas forças interagem, investigando, com isso, o vínculo entre um crescente interesse público pelo privado contido nas obras (auto)biográficas.

> Mas, na trama da cultura contemporânea, outras formas aparecem disputando o mesmo espaço: entrevistas, conversas, perfis, retratos, anedotários, testemunhos, histórias de vida, relatos de autoajuda, variantes do show - talk show, reality show... No horizonte midiático, a lógica informativa do 'isso aconteceu', aplicável a todo registro, fez da vida - e, consequentemente, da 'própria' experiência um núcleo essencial de tematização[23].

O excerto, ao abordar que "no horizonte midiático"[24] há "a lógica informativa do 'isso aconteceu'"[25], toca num ponto crucial para este artigo: o quão atreladas ao real são essas produções? No tocante à fotografia, linguagem plástica utilizada em e de grande interesse para "EuEuzinhoEudnv", a autora José Van Dijck, em seu texto "Digital photography: Communication, identity, memory. Visual communication"[26] realiza uma afirmação semelhante, entretanto, comentando sobre o uso da fotografia analógica nos seios familiares burgueses como um objeto que relembra o indivíduo de "como as coisas aconteceram"[27].

Nesse ínterim, a lógica de Arfuch é confirmada, todavia, mais a frente em seu texto, agora colocando em voga a fotografia digital, modalidade utilizada por

[19] Leonor Arfuch, *O espaço autobiográfico,* 2010, p. 15.
[20] *Ibidem*.
[21] *Ibidem*.
[22] *Ibidem*.
[23] *Ibidem*.
[24] *Ibidem*.
[25] *Ibidem*.
[26] José Van Dijck, "Digital photography: communication, identity, memory", 2008.
[27] *Ibidem*, p 58, tradução minha.

Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte
vol. 6, nº 1, 2024
ISSN 2596-0911

Pedro David em sua obra, a autora nota que os observadores não entendem mais os retratos fotográficos como uma reprodução verossímil do fotografado[28]. Uma das explicações dadas por Van Djick a esse fenômeno é o aspecto propagandista da sociedade, que se exacerba a partir dos anos 90.

Dessa forma, ressalta-se a concepção de que a fotografia digital, especialmente aquela que transita nas redes de compartilhamento, há um bom tempo já se desprendeu de uma obrigatoriedade com o real, o que levanta, nesse texto e principalmente através de "EuEuzinhoEudnv", um questionamento da relação real-verdadeiro. O conjunto reafirma textual e visualmente que o que é fabulado sobre e a partir da própria vida também é verdadeiro, e que o real pode ser usado como material plástico, o qual é moldado para mostrar a verdade, colocando em xeque a igualdade dessa equação ao reforçar a contraposição entre "real" e *verdadeiro*.

No que diz respeito ao âmbito visual, nota-se que, muitas vezes, a realidade não dá conta de exibir tudo, uma vez que diversas camadas da existência transpõe o visível. Em adição a isso, o visível, por vezes, direciona o receptor daquela imagem a uma direção diferente da desejada pelo seu emissor e, por isso, filtram-se, modificam-se e se editam as imagens, principalmente dentro de territórios virtuais. Isso é esmiuçado através da concepção de Barthes[29], que afirma que o ato de fotografar um indivíduo cria um campo fechado de forças, onde quatro repertórios da imagem se interseccionam: quem o indivíduo pensa que é (a autoimagem mental), quem o indivíduo espera que os outros pensem que ele é (a autoimagem ideal), quem o fotógrafo pensa que esse indivíduo é (a autoimagem fotografada) e quem será exibido para o público na fotografia final (a autoimagem pública ou o imago).

Posteriormente, em outro momento de seu livro, Arfuch, tratando sobre as entrevistas, aborda novamente a *veracidade*:

> Na busca empreendida em torno dos novos acentos do eu, desse "retorno do sujeito" que pretendia fazer ouvir sua "própria" palavra, o que seria mais próximo da voz (do corpo, da pessoa) do que ela, instaurada pela mais antiga e emblemática maneira de dialogar, raciocinar, trazer à tona, encontrar uma verdade? Se a entrevista revelara, no transcurso de pouco mais de um século, sua qualidade de veracidade insubstituível, transformando o velho modus socrático num gênero altamente ritualizado da informação, sua correlativa encenação da subjetividade, sua intrusão na

[28] José Van Dijck, *Op. Cit.*, 2008, p. 58, tradução minha.
[29] Roland Barthes *apud* José Van Djick, "Digital photography: communication, identity, memory", 2008.

> interioridade emocional e na minúcia cotidiana das vidas (notáveis e"obscuras"), não era de modo algum uma aposta menor[30].

Até julho de 2023, "EuEuzinhoEudnv" lidava majoritariamente com mídias estáticas e, quando vídeos apareciam, eram usados sem som, logo essa questão da "veracidade insubstituível"[31], trazida pela união da corporeidade com a palavra, escapava da alçada de análise deste escrito. Todavia, a partir de agosto, com a decisão de usar a inteligência artificial, a discussão se aproxima a "EuEuzinhoEudnv" devido ao fato de que, apesar de não aparecer no conjunto de obras, existe uma função das IAs que as permite criar *deepfakes*: vídeos extremamente realistas, simulando movimentos corporais e relatos orais de indivíduos *públicos*, cujo banco de imagens e de vídeos dentro das redes abertas de pesquisa seja maior. Sendo assim, o uso dessa tecnologia, mesmo que através de outra ferramenta, gera uma brecha que deve ser considerada.

Devido a esse cenário, o que foi anteriormente descrito por Arfuch começa a se fragilizar: em consequência do uso crescente de inteligência artificial, cresce em constância a dúvida dos indivíduos sobre a veracidade do que é colocado diante deles nas redes de compartilhamento. Para além disso, a busca pela verdade recai, consequentemente, sobre minúcias humanas, as quais extrapolam o real ou o realista (aquilo que parece real), como a capacidade poética. "EuEuzinhoEudnv" utiliza, portanto, a IA como forma de explorar a transcendência discutida anteriormente, justa e sobrepondo a resposta de um maquinário a um item textual extremamente subjetivo com uma produção artística autobiográfica. Através desse processo, com a utilização de uma veracidade invisível e, de certa forma, incomprovável (o relato sobre aquele autorretrato), coloca-se uma nova tecnologia em teste, a fim de pensar possibilidades visíveis e visuais de narrativas autobiográficas desprendidas do real - e muitas vezes surreais - porém verdadeiras e legítimas.

3. PareSer

A fim de tornar viável uma análise bem estruturada de obras mutáveis com corpos imateriais como "EuEuzinhoEudnv", é necessária a adoção de metodologias que se atentem aos territórios digitais, ao fluxo de seus frutos na contemporaneidade e suas minúcias. Assim como Laclau observa que Arfuch nota

[30] Leonor Arfuch, *O espaço autobiográfico,* 2010, p. 23.
[31] *Ibidem.*

"uma narração que deixara de estar fundada em certezas ontológicas prévias"[32], Hernández[33] sustenta a importância da consideração daquilo que denomina como "cultura visual", já que, ao se voltar às artes visuais, percebe como as obras que surgem a partir de e se entrelaçam aos novos meios de circulação de imagens - como o ambiente virtuo-digital - perturbam antigas vigas teóricas e, por conseguinte, como a cultura visual é um auxílio possível e necessário para o pensamento sistematizado acerca dos elementos hodiernos. Assim, o teórico afirma que:

> (...) o que eram **questões tradicionais da história da arte**, como a apreciação, o inventário de obras, o mecenato, a origem das obras, as formas de reprodução, a autenticidade, a apropriação, a autoria e o papel dos diferentes tipos de públicos, **redefiniram-se nas relações que se estabelecem, por exemplo, no ciberespaço ou a partir das novas formas de apresentação, divulgação e interpretação que estão sendo geradas nesse meio que denominamos cultura visual**[34].

Ao pensar sobre a multifacetação da individualidade na edição da visualidade e da virtualidade do corpo fotografado digitalmente, em dependência com as plataformas e os dispositivos que mobiliza, "EuEuzinhoEudnv" pode ser relacionado ao fato de que "a **cultura é cada vez mais híbrida**, o que faz com que os limites a partir dos quais se confronta a pesquisa sobre os novos 'objetos' da cultura visual sejam cada vez mais imprecisos"[35].

Essa contextualização entra em consonância com as percepções de Arfuch anteriormente mencionadas, e, ao passo que desenha um campo de imprecisão, fortalece a certeza na demanda do enfoque sobre o contexto e os agentes extra-corpo da obra de arte. Em somatória a isso, "EuEuzinhoEudnv" é um conjunto no qual parte dos desenlaces fogem à vontade e ao controle do artista que o cria, uma vez que depende da seção *Stories* da plataforma *Instagram* e da Inteligência Artificial associada à plataforma *Copilot*. Fato que ressoa as referências anteriormente abordadas ao permitir um paralelo entre o uso de tais interfaces no conjunto e a força do subconsciente no surrealismo ou o acaso no dadaísmo.

Devido à correlação de procedimentos fundamentais da obra com as engrenagens desses *sites*, reitera-se a pertinência do vínculo com estudos da cultura visual, visto que "é fundamental o papel das instituições no estudo da cultura visual por serem fatores que a facilitam e a controlam"[36]. Sendo assim, é importante salientar que "EuEuzinhoEudnv" - em congruência com as

[32] Ernesto Laclau *apud.* Leonor Arfuch, *O espaço autobiográfico,* 2010, p. 9.
[33] Fernando Hernández, *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho,* 2000.
[34] *Ibidem*, p. 131, grifo meu.
[35] *Ibidem*, p. 136, grifo meu.
[36] Fernando Hernández, *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho,* 2000, p. 135.

Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte
vol. 6, nº 1, 2024
ISSN 2596-0911

concepções anteriormente abordadas por Hess e por Goodnow - nota a múltipla coexistência de *eus* intrínseca à vivência conjugada (entre dimensões material e digital) e a questão entre ser e parecer vigente nesses espaços, os quais, apesar de admitirem e estimularem a edição e a performance do *self*, criam a necessidade de uma constante *parecença* com a realidade.

A série, frente a isso, através de uma distorção auto-fabulada da imagem de si, a qual disponibiliza uma multiplicidade de auto-apresentações, questiona tal dualidade, que também é comentada por Hernández, restabelecendo o *link* entre o conjunto aqui considerado e o estudo da cultura visual:

> A cultura da incerteza caracteriza um mundo, como diz Hargreaves (1996, p.102), onde "a profusão de imagens e fragmentos de sons fugazes fazem, com frequência, com que o mundo pareça efêmero e superficial (...) as identidades já não têm raízes em algumas relações estáveis nem estão ancoradas em algumas certezas e compromissos morais que as transcendam". Daí o interesse, a partir da cultura visual, em compreender as representações que configuram um mundo (com muitos e diversos mundos) em que "'se costuma dar prioridade ao "como parecem as coisas" sobre o "como são em realidade"' (idem, 106)[37].

4. EntreAgir

A relação anteriormente estabelecida entre "EuEuzinhoEudnv" e as concepções de Hernández acerca da cultura visual frisa a relevância de se ter em vista o papel das plataformas durante a análise do conjunto. Hodiernamente, as redes de compartilhamento estão amalgamadas ao cotidiano de grande parcela dos indivíduos, levando-os a uma existência *entre dimensões*. Ao mesmo tempo que esses usuários vivem na realidade material - a qual possui suas próprias dinâmicas causa-consequência - suas rotinas estão extremamente interligadas à realidade virtual, sobre a qual agem o tempo todo, e sofrem as consequências das ações do outro. Apesar de toda influência e semelhança, por ser uma dimensão à parte do mundo físico, cria-se a impressão de que, sobre aquele, o controle e a vontade dos indivíduos é mais bem atendida, o que é reforçado por pequenos comandos, como não permitir mais a exibição do conteúdo produzido por outra pessoa. Trabalhando com esse contexto, é oportuno salientar a ponte entre "EuEuzinhoEudnv" e a Endoestética. Advinda da Endofísica,

> A Endoestética trata dos mundos artificiais baseados na interface, nos quais podemos participar (endo) e observar (exo) ao mesmo tempo. Com essa dupla atuação do interator num universo simulado se podem explorar as propriedades de nosso mundo. "Uma nova tecnologia que, ao contrário de todas as outras conhecidas, não só muda algo no mundo, mas o próprio

[37] *Ibidem*, p. 138.

> mundo, se revele como uma possibilidade cognitiva." 'o Otto E. Rõssler. Das Flammenschwert. Berna: Benteli Verlag, 1996, p.35[38].

A partir dessa definição, percebe-se que a Endoestética se apresenta como um modelo teórico que almeja amparar produções que lançam mão das possibilidades criativas oferecidas pelos ambientes artificiais. Ambientes esses que possuem como fundamentação a interação. As redes de compartilhamento - âmbito de interesse de "EuEuzinhoEudnv" e deste artigo - pertencem a essa classificação, porque carregam seus próprios agentes (nem sempre visíveis) e, além de coexistirem com a materialidade e suas engrenagens particulares, apresentam-se como uma espécie de espelho-controle desta. Dessa forma:

> Essas obras se definem como sistemas complexos, flexíveis, circunstanciais, hipermidiais e multidisciplinares, que têm por objeto específico o processo intercomunicativo (cognitivo, intuitivo, sensorial, sensório-motor etc.) em seus mais diversos níveis (público e sistema; sistema e interator; interatores no sistema; ambiente e sistema etc.), tanto em plataformas interativas on-line como off-line[39].

Conforme se adentra na leitura do texto de Giannetti, vê-se que suas concepções se mostram cada vez mais costuradas às afirmações de Hernández, no que tange a adesão a outros pontos de vista distintos da estética ontológica. Os autores tecem esses novos pontos de vista, porque notam que as produções contemporâneas tais quais "EuEuzinhoEudnv" escapam a essas normas anteriormente vigentes. O que Giannetti explicita é a debilitação, a evasão e a dissidência dos ideais que se centram no aspecto material estático das obras, que exigem, por consequência, um observador passivo, dinâmica a qual se constrói no posicionamento contemplativo do sujeito frente ao objeto artístico. Obras que se dão a partir do processo intercomunicativo supracitado - que são, portanto, interativas - transformam o papel do sujeito, antes criador **ou** observador. Giannetti destrincha:

> Resumindo, a interação com base na interface humano-máquina marca uma mudança qualitativa das formas de comunicação mediante o emprego dos meios tecnológicos. A estrutura aberta e contingente da obra mina a concepção material, objetual e concluída, característica da estética ontológica, e transforma o espaço físico em imaginário[40].

Aprofundando-se nessa questão, Giannetti postula que a interatividade na arte se constitui por quatro partes idiossincráticas: a contingência, a variabilidade, a permeabilidade e a virtualidade, sendo a primeira a consequência não integralmente previsível, a segunda a mudança através do ato do interator, a terceira a porosidade entre as realidades e a última "o caráter imaterial dos

[38] Claudia Giannetti, "Endoestética", 2006, p. 188.
[39] *Ibidem*, p. 195.
[40] Claudia Giannetti, "Endoestética", 2006, p. 199.

Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte
vol. 6, nº 1, 2024
ISSN 2596-0911

elementos constitutivos do mundo virtual”[41]. A abordagem da teórica encaixa-se com “EuEuzinhoEudnv” e as redes de compartilhamento as quais explora, visto que, como já abordado, a intervenção dos indivíduos sobre esses territórios não somente é constante, como também é esperada e possui forte poder consequencial. Assim, como resultado da abordagem da interatividade desses ambientes, os conceitos de autor e observador expandem-se aos de “meta-autor e interator”[42].

No caso do conjunto aqui tratado, o artista trabalha não só como autor da obra na fase de intervenção visual sobre a *selfie* a partir das ferramentas da seção *Stories*, mas também como interator ao curar os resultados entregues pela *Copilot* após a leitura de seu *prompt*, processo antecessor à nova edição e à colagem com os textos verbais e não-verbais acarretado ao longo de todo esse fazer artístico. Logo, a autoria acaba se dilatando também às ações dessas plataformas. Giannetti resume:

> Num ambiente interativo, no qual o observador pode interferir como emissor e manipular as informações audiovisuais existentes ou originar novas informações, a significação e a efetividade da obra estão condicionadas tanto à atuação do interator como ao desempenho do sistema[43].

No caso de “EuEuzinhoEudnv”, os sistemas partícipes na obra enfatizam postulados já mencionados pelas referências abordadas anteriormente, sendo eles: a construção dialógica dos processos autobiográficos e a relação imagem-palavra. Tanto a técnica usada pela *Copilot* na construção da imagem solicitada, quanto o fluxo *prompt*-resultado, salienta a interdependência entre os textos verbais e não-verbais, além de direcionar atenção a como, mesmo que de forma invisível, os elementos digitais visuais são corpos código-informacionais. Dentro da série, isso é reproduzido sobre e escavado de dentro da representação de agentes materiais, nesse caso a fotografia autorreferente e autoexecutada: a *selfie*.

5. ExternalizEndo

Refletindo, assim como Giannetti, a respeito de obras as quais a idealização e/ou apresentação é intrínseca à utilização de tecnologias digitais,

[41] *Ibidem*, p. 200.
[42] *Ibidem*, p. 199.
[43] Claudia Giannetti, “Endoestética”, 2006, p. 188.

Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte
vol. 6, nº 1, 2024
ISSN 2596-0911

classificadas como "média-arte digital", Veiga[44] (2020) argumenta que, ao utilizar as tecnologias digitais como insumo, os artistas acabam por ampliar o poder expressivo e comunicativo de tais ferramentas, dispositivos e sistemas. Assim, obras como "EuEuzinhoEudnv", ao lançar mão da seção *Stories* e da plataforma *Copilot* - territórios digitais -, de forma subversiva, não utilitária e não lucrativa, exploram o potencial para novos rumos de investigação. Veiga ainda reforça:

> O espaço da MAD ultrapassa assim as fronteiras da criação, e as próprias obras de MAD questionam sem descanso o lugar do sujeito: a sua humanidade ou a sua liberdade; o lugar do corpo nos dispositivos tecnológicos, e viceversa; ou até a ética da propriedade e da partilha (Mons, 2014)[45].

"EuEuzinhoEudnv", ao debruçar-se sobre o lugar do corpo nos dispositivos tecnológicos, acaba por fazê-lo também na realidade material, visto que ambas são codependentes e a navegação dos indivíduos é viabilizada pela sua porosa amálgama. Isso encontra paralelo nos *endossistemas* abordados por Giannetti, visto que, neles, "o observador interno move-se em duas realidades: a realidade de sua consciência de que participa de um jogo de simulação, e a realidade de sua percepção que lhe indica que sua presença e conduta têm influência ativa no mundo artificial"[46].

Além disso, Giannetti considera que esse processo acaba se espelhando para dentro da realidade não simulada. Nos *endossistemas*, ao ser observador externo e partícipe de um mesmo território e, portanto, acessar e determinar a causa-consequência, os indivíduos conseguem tirar conclusões acerca de sua exo-realidade. Sendo assim:

> Os meios eletrônicos, em seu conjunto, representam a tentativa do ser humano de simular, no interior de seu universo, uma evasão para fora do universo. Os mundos mediáticos são mundos artificiais e modelos de mundos criados pelo ser humano, que deixam claro que este só é um observador interno no mundo, mas que, nos mundos mediáticos, pode ser um observador interno e externo simultaneamente. (...) Neste mundo é possível, pela primeira vez, estabelecer uma comunicação entre o observador interno e o externo, entre o mundo interno (endo) e o externo (exo)[47].

[44] Pedro Alves da Veiga, *O museu de tudo em qualquer parte: arte e cultura digital: interferir e curar*, 2020.
[45] Pedro Alves da Veiga, *O museu de tudo em qualquer parte: arte e cultura digital: interferir e curar*, 2020, p. 92.
[46] Claudia Giannetti, "Endoestética", 2006, p. 185.
[47] Peter Weibel *apud* Claudia Giannetti, "Endoestética", 2006, p. 187.

6. Considerações finais

Obras de arte como "EuEuzinhoEudnv", que trabalham questões complexas, como a construção da identidade - aqui abordada através das contribuições de Arfuch -, a partir de sistemas híbridos e contemporâneos como as redes de compartilhamento e as plataformas de geração de imagens por Inteligência Artificial, exigem uma análise multifacetada. Por isso, ao longo deste artigo, foram abordadas as óticas escritas por Giannetti, Hernández e Veiga, ou seja, considerações acerca da endoestética, da cultura visual e da média-arte digital. Essa mescla prova que o conjunto de autorretratos foge a uma investigação atrelada à estética ontológica, uma vez que diverge da obra de arte de corpo material, por ser um sistema aberto/oxigenado entre diversos agentes (interator, autor, sistemas).

O processo poético tecido pela série, ao navegar de forma *zigue-zagueada entre dimensões*, coloca os contextos e o desempenho das plataformas como parte fundamental para os resultados obtidos, alargando a noção de autoria e a classificação de quem ou do que é criador e de quem ou do que é observador. Como iniciado na seção *EntreAgir*, o uso da *Copilot* no trabalho reforça a camada verbal das imagens, o que, em face ao retorno da ação executada no *endossistema* para o *exossistema*, revela (ou constrói) uma nova dimensão da identidade.

Distorcendo o corpo fotografado através de inúmeras e distintas edições digitais, Pedro David, apoiado na admissão da performance do *eu* existente nas redes de compartilhamento, fabula novas apresentações de si, primeiro de forma visual, com o aparato das ferramentas da seção *Stories* da plataforma *Instagram* e, posteriormente, através da construção de microtextos narrativo-poéticos. Seguidamente, a plataforma *Copilot*, que estuda e se alimenta da carga informacional das mais variadas imagens disponíveis na *internet*, interpreta o *prompt* conotativo derivado desses microtextos e responde com uma nova figura, a qual, depois de uma curadoria por parte do artista, é posta em íntima e associativa relação com o autorretrato anteriormente executado.

Tais novas versões do artista, que, assim como as imagens que circulam dentro dos territórios digitais, são constantemente transduzidas ao longo dos fazeres artísticos de "EuEuzinhoEudnv", abordam a saturação e a distorção na edição de si, levando, através da sensibilidade, o questionamento acerca da diferença entre o real e o verdadeiro para o *exossistema*; para a realidade material. Os autorretratos da série se apoiam no fato da existência do indivíduo

contemporâneo ser conjugada entre sua realidade física e as redes de compartilhamento, o que, conforme observado pela Endoestética, permite que o usuário - o qual, dentro desses territórios, é tanto observador interno, quanto externo - inverta o caminho de causalidade, levando de dentro (endo) para fora (exo) as concepções que constrói a partir de sua vivência dentro dos sistemas artificiais.

Em miúdos, os conceitos trazidos por Giannetti reforçam a existência compósita hodierna, a qual é explorada em "EuEuzinhoEudnv" através do debruçamento teórico-experimental no que toca a construção híbrida da identidade. Sendo assim, apoiando-se nas performances das plataformas envolvidas no desenvolvimento dessa gama de possibilidades da construção de si, parte importante do que o conjunto retorna ao exossistema é o paralelo acerca das cargas código-informacionais das imagens, explicitado no parágrafo anterior.

O ato representa as possibilidades narrativas e de construção de identidade que guardam as imagens, questionando a dualidade real-verdadeiro ao reivindicar a veracidade das auto-fabulações, que são distintas do que se experiencia na materialidade, considerada real. Em outras palavras, o conjunto constrói um paralelo entre a existência on-line e a noção de identidade, retirando, com ajuda de pincéis digitais, colagens, sobreposições, negativos e caixas de texto, o véu que circunda tal experiência no *exossistema*. Do mesmo modo, o conjunto mencionado executa uma tentativa de libertação da multiplicidade da apresentação de si, postulando a apropriação de uma edição de si que transgrida a subserviência às regras importadas da realidade material que permeiam as redes de compartilhamento, e direciona essas distorções; esses *enfeiamentos*; essas auto-fabulações a uma maior liberdade e sensibilidade na construção da identidade.

Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte
vol. 6, nº 1, 2024
ISSN 2596-0911

Referências

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico*: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010.

AGAR, Eileen. *Precious Stones*. 1936. Técnica mista, 26 x 20,9cm.

ARTHUR, Margareth. A selfie como autorretrato e seus significados. *Revistas USP*, 2024. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/wp/noticias/a-selfie-como-o-autorretrato-e-seus-significados/. Acesso em: 04 jul. 2024.

CATUNDA, Leda. *Camisetas*. 1989. Acrílica sobre camisetas, 220 x 190cm.

CATUNDA, Leda. *Jardim das Vacas*. 1988. Acrílica sobre couro e tela, 146 x 158cm.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo325/assemblage. Acesso em: 04 jul. 2024.

FONSECA, Aline Karen. *Collage*: a colagem surrealista. Revista Educação - UNG-Ser, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 54–64, 2009. Disponível em: https://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/view/462. Acesso em: 04 jul. 2024.

GERCHMAN, Rubens. *O Rei do Mau Gosto*. 1966. Acrílica, vidro bisoté e asas de borboleta sobre madeira, 200 x 200cm.

GIANNETTI, Claudia. Endoestética. *In:* GIANNETTI, Claudia. *Estética Digital*: *Sintopia da arte, ciência e a tecnologia*. Belo Horizonte: C/Arte, 2006.

GOODNOW, Trischa. The selfie moment: the rhetorical implications of digital self portraiture for culture. *In:* BENEDEK, András; VESZELSZKI. *In the beginning was the image: The omnipresence of pictures: Time, truth, tradition*. Peter Lang International Academic Publishers, 2016

HERNÁNDEZ, Fernando. Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho. Artmed, 2000.

HESS, Aaron. Selfies| the selfie assemblage. *International journal of communication*, v. 9, p. 18, 2015.

PRESSE, France. Meta vai identificar imagens criadas por IA no Facebook, Instagram e Threads. *G1*, 06 fev. de 2024. Disponível em: https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2024/02/06/meta-vai-identificar-imagens-criadas-por-ia-no-facebook-instagram-e-threads.ghtml. Acesso em: 04 jul. de 2024.

SALLES, Cecília. *Redes da criação*-a construção da obra de arte. Horizonte, 2016.

VAN DIJCK, José. Digital photography: communication, identity, memory. *Visual communication*, v. 7, n. 1, p. 57-76, 2008.

VEIGA, Pedro Alves da. *O museu de tudo em qualquer parte: arte e cultura digital*: interferir e curar. Lisboa: Grácio Editor, 2020.